

O humano erótico em *Soy una tonta por quererte*, de Camila Sosa Villada

El humano erótico en *Soy una tonta por quererte* de Camila Sosa Villada

Alexia Prado

Universidade Federal de Minas Gerais

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3140-2385>

Resumo: O presente texto tem como base os contos da argentina Camila Sosa Villada, publicados no livro de 2022, *Soy una tonta por quererte*. Autora contemporânea, Camila resgata em suas escritas as vivências violentas que seu continente abarca, ao passo que nos convida a conhecer uma realidade distante das normas, dos previstos sociais. Os corpos plurais, os eróticos e as experiências vividas e questionadas neste território latino-americano, contado por entre as vozes de travestis e outros seres considerados "menos humanos", abrem caminhos para perfurarmos o olhar ao gênero literário do realismo fantástico. As poéticas de Sosa Villada compõem traços fundamentais para analisarmos as escritas femininas de nossa época, trazendo um contexto crucial e que por muitos anos não se visualizou enquanto gênero artístico, enquanto cânone literário. Desde uma perspectiva filosófica, vinculamos percursos para entender a necessidade deste novo despertar para os femininos, as sexualidades e o que se enquadra como humano e não humano dentro da sociedade. Donna Haraway, Paul B. Preciado e Severo Sarduy são estudiosos que sustentaram as teorias do trabalho. Por outro lado, também nos ancoramos nas teorias de Ailton Krenak para que pensemos as ideias de futuro, as formas de vida e como a separação histórica entre cultura e natureza tende a sustentar uma lógica de domínio, que recai também sobre alguns humanos, aqueles que são considerados "matáveis", bem como os outros seres vivos.

Palavras-chave: transfeminismo; latino-américa; não-humano; corpos-plurais;eróticos

Resumen: El presente texto abarca los cuentos de la argentina Camila Sosa Villada, publicados en el libro de 2022, *Soy una tonta por quererte*. Autora contemporánea, Camila rescata en sus escrituras las vivencias violentas que su continente carga, al paso que nos invita a conocer una realidad alejada de las normas, de las previsiones sociales. Los cuerpos plurales, los eróticos y las experiencias vividas y cuestionadas en este territorio latinoamericano es contado por entre las voces de travestis y otros seres considerados "menos humanos". Ellos abren puertas para salirnos de la mirada al género literario del realismo fantástico. Las poéticas de Sosa Villada componen elementos fundamentales para que analicemos las escrituras femeninas de nuestra época, explicitando un contexto fundamental y que por muchos años no se ha visualizado en cuanto género artístico, en cuanto cánón literario. Desde una perspectiva filosófica, vinculamos un recorrido para entender la necesidad de este nuevo despertar hacia los feminismos, las sexualidades y lo que se caracteriza como humano y no humano dentro de la sociedad. Donna Haraway, Paul B. Preciado y Severo Sarduy son estudiosos que sostuvieron las teorías del trabajo. Por otro lado, también fue muy importante las ideas de Ailton Krenak para que pensemos acerca de los planes de futuro, las formas de vida y como la separación histórica entre cultura y naturaleza nos lleva a vivir en una lógica de dominio, que recae sobre algunos humanos, aquellos "matables", bien como hacia otros seres vivos.

Palavras-chave: transfeminismo; latinoamérica; no-humano; cuerpos-plurales;eróticos

Isso de ser você próprio não é só um acontecimento temporal? Tentaram nos dizer tudo isso, cobrir o mundo inteiro com suas palavras variadas, mas apenas diziam: folha. Sempre a mesma folha. Não se pode sair das plantas com medidas de plantas, nem sair dos humanos com medidas humanas.

Manuela Infante

Camila Sosa Villada (1982), nasceu em La Falda, província de Córdoba, Argentina. Um corpo que, desde o seu nascimento, sentiu na pele as violências e opressões que o continente latino-americano carrega tendo em vista seu caráter histórico, social e político. Os espaços que ocupamos enquanto seres imersos a esse panorama continental atravessam as poéticas da autora. Sosa Villada se ocupa da linguagem que, através de seus textos, contornamos traços reais mesclados com golpes de uma ficção que retrata uma região geográfica marcada por golpes, entretanto, demasiado marcado por seus movimentos artísticos, intelectuais e sociais. A contracultura, as vozes plurais e os novos caminhos literários que se abrem a partir de corpos como o da escritora cordobesa.

Brasil e Argentina, países vizinhos, compartilham de pontos de convergência. Problemas sócio-políticos entre os dois países divergem em alguns pontos, mas também se unem devido a (in)visibilidade e a representação das mulheres na América Latina, introduzidas a uma realidade estruturada com base em uma heteronormatividade que exclui e devora aqueles que não preenchem todos os requisitos de uma sociedade binária e moderna¹.

O que vemos no cenário atual, é fruto da estrutura hierárquica que introduz elementos necessários para que se mantenha e se

¹ Tendo em vista a modernidade e o capitalismo que cresceu e cresce a cada dia em decorrência desta, as lógicas de domínio são baseadas em uma estrutura binária onde homem e mulher; natureza e cultura; bem e mal; etc., são sustentadas e perpetuadas recorrentemente.

estabeleça, cada vez mais, a misoginia. O que, nas palavras de Nelly Richard:

Se bem é certo que as batalhas descolonizadoras, as lutas populares e as convulsões ditatoriais na América latina vem gestado texto e conhecimento fora do cânone libresco, nas bordas informais e subversivas da cultura extra-acadêmica e institucional, emblematizar esse corpo de experiências como a única verdade do feminismo latino-americano (sua verdade primária e radical, por antidiscursiva) pode chegar a confirmar o estereótipo de uma "alteridade" romantizada -portanto popular- pela intelectualidade metropolitana e deixar assim intacta a hierarquia representacional do centro que segue hegemonizando todas as mediações conceituais do "pensar"² (RICHARD, 1996, p. 738, tradução minha).

O que se insere hoje dentro das literaturas contemporâneas, são novas formas e possibilidades de reivindicar o espaço que não apenas é delas: é de todas. Ponto chave para esta discussão, é a estética de Camila Sosa Villada. A autora percorre alguns caminhos que esbarram nas correntes do realismo fantástico, ainda que afirme que este espaço ocupado por ela em sua escrita seja apenas a forma de vida latino-americana. Seguindo esta lógica, compreendemos que o território americano sustenta toda uma história mágica, entendendo a magia como as histórias orais, as vivências dos povos originários com a terra, com os cosmos, com os demais seres (os animais, as vegetações, as rochas). Interessante observar a perspectiva do realismo fantástico por essa ótica.

Por seu ponto de vista inovador, e uma escrita sensível e envolvente, autora tem ganhado cada vez mais reconhecimento, firmando seu espaço como uma das vozes mais potentes da literatura contemporânea. Os pontos de crítica literária, a respeito da escrita de Camila Sosa, discutem os limites do estilo autobiográfico, ou não, assim como a presença de elementos fantásticos, ou apenas personagens tão humanos que

² [...] la imagen de Latinoamérica y de las prácticas de mujeres latinoamericanas como lo otro radical de la academia norteamericana. Si bien es cierto que las batallas descolonizadoras, las luchas populares y las convulsiones dictatoriales en América latina han gestado texto y conocimiento fuera del canon libresco, en los bordes informales y subversivos de la cultura extra-académica e institucional, emblematizar ese cuerpo de experiencias como la única verdad del feminismo latinoamericano (su verdad primaria y radical, por antidiscursiva) puede llegar a confirmar el estereotipo de una "otredad" romantizada -en tanto popular- por la intelectualidad metropolitana y dejar así intacta la jerarquía representacional del centro que sigue hegemonizando todas las mediaciones conceptuales del "pensar"

transcendem o que é determinado como "o humano". O que podemos afirmar, decisivamente, é que Camila escreve como uma travesti, atriz e dramaturga latina, oferecendo-nos traços de uma oralidade comprometida com suas narrativas.

Soy una tonta por quererte (2022) é seu primeiro livro de contos publicado. A edição conta com nove relatos que se diferem, ainda que o vínculo se sustente por pontos cruciais. Encontramos, à medida em que lemos os contos, diversas personalidades, países, costumes. Personagens adultas, idosas, crianças, animais. Travestis, homossexuais, freiras, figuras conhecidas como Billie Holiday, negras/os, entre outras.

Se quisermos buscar traços autobiográficos em *Soy una tonta por quererte*, pensamos em "Gracias, Difunta Correa". Entretanto, o que nos interessa, ao menos nesse ensaio, é pensar em como Camila Sosa exprime uma força política a todas as personagens que compõem o universo de sua escrita. Como a jornalista Marta Sanz, em texto publicado em *El País*, comenta:

Camila Sosa escreve contos focados na violência sexual contra a infância, contra as perseguições e crimes institucionais que desde tempos remotos estão penetrados contra as negras, pardas, viciadas, as Billie Holiday do mundo, frutas maduras, pobres e todas essas travestis que se prostituem reivindicando seu desejo de copular com três jogadores de rugby, e no final descobrem que esse desejo é obrigatório, não resta outra saída, sentem medo³. (SANZ, *El País*, tradução nossa).

Se podemos intitular a escrita de Camila como pertencente a algum movimento feminista, poderíamos dizer que se vincula ao que Paul B. Preciado (2015) chama de "transfeminismo". Um movimento que nos faz questionar, ao menos inicialmente: "como isso pode funcionar de outro modo?" (p. 13). Para o filósofo, "ainda não tem palavras para a revolução transfeminista. Essas palavras estão por serem inventadas." (p. 13). No que poderia ser o transfeminismo de Sosa Villada, de certo entraria em jogo sua habilidade de provocar dúvidas em seus leitores. Aqui, cabe uma atenção à maneira em que o erotismo é

³Camila Sosa escribe cuentos enfocados hacia la violencia sexual contra la infancia, hacia las persecuciones y crímenes institucionales que desde tiempos remotos se han perpetrado contra negras, marrones, yonquis, las Billie Holiday del mundo, frutas maduras, pobres y todas esas travestis que se prostituyen reivindicando su deseo de copular con tres jugadores de rugby y al fin descubren que ese deseo es obligatorio, no queda otra salida, sienten miedo.

desvelado. Obviamente, nos deparamos com uma realidade violenta para travestis latino-americanas, e também para as demais figuras que aparecem em seus contos, no entanto, as narrativas de Camila Sosa criam contornos de realidades para as personagens que, apesar de toda a crueldade da vida, são absurdamente magníficas e gozam em um corpo também magnífico.

A autora distorce o que a sexualidade heteronormativa preserva e delega. Ao questionar a sexualidade, acaba por destapar toda a lógica binária e de dominação que o capitalismo sustenta. O conceito "humano"⁴, atrelado às ideias coloniais, enquadra seres que são preservados e, conseqüentemente, coloca o que não se encaixa nesses moldes como seres descartáveis. A dualidade entre cultura e natureza, homem e mulher, bem e mal, etc., faz o *outro*, distante deste *eu* que produz e mantém o poder, ser expulso e explorado (Haraway, 2018).

Nas palavras de Haraway (2018), "a consciência de gênero, raça ou classe é uma realização forçada em nós pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias, do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo"⁵ (p. 23, tradução nossa). Ainda, a autora relata a fragmentação das identidades, questionando a coletividade do movimento feminista enquanto preservação do "conceito 'mulher' em algo esquivo, em uma desculpa para a matriz da dominação das mulheres entre elas mesmas"⁶ (p. 24). Por isso, é necessário destacar, outra vez, que os movimentos feministas são plurais. O que nos interessa nesse estudo é pensar as lutas feministas atreladas às de outros movimentos sociais, que discutem questões que perpassam as

⁴A respeito deste tema, e enxugando bastante, é necessário o entendimento do que o Antropoceno propõe para as críticas intelectuais contemporâneas. Para que façamos um paralelo sobre as opressões (que perpetuam a lógica de domínio do capitalismo, e ainda mais acentuada no neoliberalismo), consideramos que as interferências humanas têm causado o desequilíbrio, crimes e desastres relacionados à água, clima, biodiversidade, questões do solo e dos mares, etc. Esses e outros crimes ressaltam a nova era criada pelas ações humanas: o Antropoceno. Não só a natureza é oprimida e violentada no Antropoceno, mas também todos esses corpos que aqui neste texto entendemos como "corpos matáveis". Por tanto, o "humano" é este sujeito que interfere e domina a estes seres.

⁵"la conciencia de género, raza o clase es un logro forzado en nosotras por la terrible experiencia histórica de las realidades sociales contradictorias el patriarcado, del colonialismo y del capitalismo".

⁶"concepto <<mujer>> en algo esquivo, en una excusa para la matriz de la dominación de las mujeres entre ellas mismas".

sexualidades, os gêneros e as raças: como o movimento transfeminista defendido por Paul B. Preciado. Interessamo-nos por esse pensamento interseccional porque, na medida em que as lutas feministas avançam, o que nos resta explícito é a grande falha em ignorar que as opressões estão interligadas. Segundo Haraway,

o embaraçoso silêncio sobre a raça entre as feministas socialistas e as radicais brancas foi uma consequência politicamente devastadora. A história e a polivocalidade desaparecem dentro de taxonomias políticas que tratam de estabelecer genealogias. Não havia lugar estrutural para a raça (ou para qualquer outra coisa) na teoria que proclamava revelar a construção da categoria mulher e o grupo social mulher como um todo unificado ou totalizável⁷ (HARAWAY, 2018, p. 33-34, tradução nossa).

O que interessa para Haraway (2018), é traçar paralelos entre a ciência, a tecnologia e o feminismo, e por isso a figura do ciborgue lhe é tão importante. Então, defende a possibilidade de uma imagem dialética a partir dos movimentos feministas para romper com a dicotomia existente: "prefiro uma imagem de cadeia ideológica que sugira a profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no político⁸" (p. 57). Desta maneira, podemos pensar que as diversas formas dos erotismos expostos em *Soy una tonta por quererte* acaba por pactuar o que Haraway chama de ciência feminista.

Pelos contos de *Soy una tonta por quererte*, o erótico sobrevive em diversas facetas da palavra. Uma delas é pela perspectiva da sobrevivência. Perfurando os estereótipos marcados e acentuados enquanto sociedade, encontramos, por entre os contos, corpos que gozam de prazer, mas que também fazem-se gozar, ou que utilizam desse suposto gozar para sobreviver. São corpos que experimentam e não ocultam o fracasso – o fracasso

⁷ "el embaraçoso silencio sobre la raza entre las feministas socialistas y las radicales blancas fue una consecuencia políticamente devastadora. La historia y la polivocalidad desaparecen dentro de taxonomías políticas que tratan de establecer genealogías. No había sitio estructural para la raza (o para cualquier otra cosa) en la teoría que proclamaba revelar la construcción de la categoría mujer y el grupo social mujer como un todo unificado o totalizable".

⁸ "prefiero una imagen de cadena ideológica que sugiera la profusión de espacios e identidades y la permeabilidad de las fronteras en el cuerpo personal y en el político".

de não ser e não representar o humano, colonial e heteronormativo.

Em "La noche no permitirá que amanezca", a narradora detalha uma noite de fracasso como prostituta. Em detalhes, nos deparamos com uma noite de violências, assédios e não reconhecimentos profissionais. Ao final do conto, a protagonista conta:

ao chegar à pensão, deixo sobre a mesa de luz um relógio que tem cara de muito caro que encontrei do lado da cama, debaixo de umas almofadas bordadas, jogadas no chão. Coloquei-o na calcinha. Foi como me meter um cubinho de gelo. Pela manhã, vou a galera Planeta e vendo o relógio pelo preço que o comprador me oferece. Nem sequer pechincho. Para mim, esse dinheiro está ótimo. (...) Faço as contas do que me resta pagando uns meses de aluguel e concluo que foi uma noite de sorte⁹. (SOSA VILLADA, 2022, p. 54, tradução nossa)

Corpos, seres e eróticos em suas pluralidades

O espaço da prostituição, da errância, dos sujeitos "menos humanos", ou "não humanos" são, com certeza, lugares que exercem certo protagonismo em *Soy una tonta por quererte*. Ao atribuir uma voz a estes corpos, Camila Sosa afirma que há sim como contar as histórias, vivências, de acordo com as realidades de cada sujeito.

Transformar nossas experiências enquanto indivíduos é também reconhecer a colonialidade que a monocultura narra para as nossas experiências. Não apenas os binarismos se acentuaram com a colonialidade, mas, sobretudo, nos orientam a excluir outros modos de vida e corpos. Para Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), a monocultura determina o apagamento desses outros modos de vida para que se sustente a existência de apenas um. Este apenas um representa o corpo que pode tudo: o branco, homem cis gênero, heterossexual.

⁹Al llegar a la pensión, deajo sobre la mesita de luz un reloj que tiene pinta de ser muy costoso y que me encontré al costado de la cama, debajo de uno de los almohadones bordados tirados en el piso. Me lo metí en la bombacha. Fue como meterme un cubito de hielo. Por la mañana, voy a la galería Planeta y vendo el reloj al precio que el comprador me ofrece. Ni siquiera regateo. Para mí está bien ese dinero. (...) Hago las cuentas de lo que me sobra pagando unos meses de alquiler y concluyo que fue una noche de suerte.

Um dos grandes desafios dos movimentos feministas, considerando a pluralidade dos movimentos e seus diversos ramos e reflexões, é debater a respeito das sexualidades. O erótico é um tema bastante requisitado, ainda que discutível e perigoso – devido a singularidade do prazer de cada corpo feminino. Discutimos, neste texto, o erótico em seu sentido amplo, compreendendo socialmente o que nos é imposto aos corpos e aos desejos, mas, sobretudo, como podemos reverter os ruídos das sexualidades padrões.

Em *Soy una tonta por quererte*, Camila Sosa revela a problemática do que é ser uma travesti latina nos Estados Unidos e, entre tantas dificuldades, como esse corpo travesti aprendeu com figuras ao seu redor, antes mesmo de firmar-se como mulher: aprendeu, por exemplo, "como ser viado e não morrer tentando nesse país de gringos¹⁰" (SOSA VILLADA, 2022, p. 63, tradução nossa). Fato que nos direciona ao fracasso, a vida em paralelo a tentativas de sobrevivência.

Camila Sosa Villada é uma entre variadas autoras latino-americanas que conseguem reverter a literatura que era possibilitada e atribuída, assim como mercantilizada, somente a certos corpos. Além de fazer uma literatura trans, ela torna real, em seus escritos, nuances de uma sociedade respirável e possível para corpos sujeitos a necropolítica. No conto "Soy una tonta por quererte", que carrega o título do livro, a narradora descreve um espaço seguro para estes corpos matáveis¹¹:

Os fumadores sempre foram uma porção de céu. Ali, podíamos nos encontrar com toda uma fauna selvagem e sempre em perigo de extinção, não cruzamos com essas pessoas, nem na rua, nem nos bares de jazz, e muito menos à luz do dia. Negros, travestis, putas, viados, homens sem pernas ou sem braços que voltavam da guerra, gordas elefantiásticas, anões, orientais. Era como estar em casa. E, de tudo o que acontecia ali, o melhor era que os brancos eram estrangeiros. Por uma vez na vida, os brancos se moviam com respeito.¹² (p. 64)

¹⁰ cómo ser joto y no morir en el intento en ese país de gringos.

¹¹ visão que se complementa com a de Donna Haraway (2018), quando aborda a perpetuação do "fazer matável a um outro" (p. 73) ou sobre "a dominação de todos os que foram constituídos como outros, cuja tarefa é fazer-se de espelho do eu" (p. 73).

¹² Los fumadores han sido siempre una porción de cielo. Allí podías encontrarte con toda una fauna salvaje y siempre en peligro de extinción, no te cruzabas a esa gente ni en la calle ni en los bares de jazz, y mucho menos a la luz del día. Negros, travestis, putas, jotos, hombres sin piernas o sin brazos que volvían de la guerra, gordas elefantiásticas, enanos,

Desta forma, Camila ressalta um mundo possível para além da estrutura hegemônica que nos assombra e decapita. É possível, pela palavra, encontrar novas pulsões de descanso: a vida para além da violência, ainda que esteja vinculada a esta em todas as esferas, histórica e politicamente. Nesse trecho de "Soy una tonta por quererte", o que a sociedade considera "humano", desloca-se e, pela primeira vez, é posto como um ser não humano, ou seja, como parte de um aglomerado de possibilidades e subjetividades. Ali, o estrangeiro se torna quem dita o que é ser estrangeiro.

Linguagem que se lança ao impossível

Acorde as reflexões anteriores, pode-se pensar que a escrita de Camila se acerca e detalha feridas, situações cotidianas e o erótico: entendido, então, por suas diversas faces, o prazer corporal, a derrota e também a violência, com as aflições individuais e coletivas desses corpos matáveis socialmente. Os golpes estão vigentes por meio de uma escrita que tende a conversar com a crueza da vida, com as escalas de uma vida humana ditada por padrões e estruturas enrijecidas, onde o dualismo sempre prevalece, e o outro sempre é excluído.

Corpos excluídos, como os das travestis que são protagonistas ao largo dos contos de *Soy una tonta por quererte*, tomam a voz e transvestem a literatura, criando novos espaços que dialoguem com essa possível "terceira margem" de Haraway, (a ciêncista feminista), ou o que propõe Severo Sarduy quando traz a ideia de uma certa feminilidade suplementar, onde tudo é terceira margem (1979), abrindo assim a possibilidade de uma vida entre lugares, onde as inúmeras possibilidades, corpos, linguagens, seres, sobressaem e narram suas próprias vidas e perspectivas. Uma revolução transfeminista, apesar deste sistema viciado pelas lógicas de domínio.

Despedaçar a linguagem e produzir novos cenários e protagonistas. Quebrar com a estrutura utilizando-se da capacidade que a arte tem de difundir e construir sentidos. De

orientales. Te sentías como en casa. Y, de todo lo que pasaba allí, lo mejor era que los blancos eran extranjeros. Por una vez en la vida los blancos se movían con respeto.

fato, *Soy una tonta por quererte* cataloga para as literaturas uma nova história, questionamentos de uma mulher travesti latino-americana que, junto a outras, planta pequenas revoluções através da produção.

Portanto, se é possível concluir ou fechar arestas com temas tão complexos e provocadores como estes, resta apenas afirmar que, se tratando de erótico, Camila Sosa Villada expõe e desmistifica o que por tanto tempo foi crucificado ao campo do gozo feminino. O sexo e as sexualidades estão colocados em cena literária assim como os cotidianos das personagens, desde a ação mais frívola à considerada "comum", "aceita". E embora pensemos historicamente no prazer vinculado apenas aos atos sexuais, questionamos se em *Soy una tonta por quererte*, a própria escrita e outras formas de felicidades e agonias refletidas nos contos, também são formas de expressar certa dimensão do erótico. Todos os elementos estão expostos à luz para todos, descobertos e redimensionados.

O irrepresentável, o indizível, está em um corpo que goza. E há, em *Soy una tonta por quererte*, uma multidão de eróticos, se pensamos junto a Paul Preciado. Uma multidão de desejos que se expandem, se abrem, criam formas e, o mais importante: destroem o que é dito, o que é esperado e imposto através de violências e regras. Esse múltiplo é um corpo que fala, um corpo que conta histórias reais, de pessoas sociais golpeadas por políticas estruturais e que sobrevivem apesar do destino traçado desde o início de suas vidas. Desatam o vínculo com o passe livre ao desaparecimento.

Referências

HARAWAY, Donna. *MANIFIESTO PARA CYBORGS: Ciencia, tecnología y feminismo socialista a finales del siglo XX*. Argentina: Letra Sudaca Ediciones, 2018.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Transfeminismo*. Trad. [s/d]. São Paulo: n1 edições, 2018.

RICHARD, Nelly. *Feminismo, experiencia y representación*. Santiago: Revista Iberoamericana. Vol. LXII, Niums. 176-177. 1996.

SANZ, Marta. 'Soy una tonta por quererte', el deseo desde la perspectiva travesti. El País: 2022. Acesso 13 de dez. 2022. Disponível em: <https://elpais.com/babelia/2022-04-16/soy-una-tonta-por-quererte-el-origen-del-deseo.html?event=go&event_log=go&prod=REGCRARTBAB&o=cerrbab>.

SARDUY, Severo. *Escrito sobre um corpo*. Trad. Lígia Chiapini Moraes e Lúcia Teixeira Wisnik. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SOSA VILLADA, Camila. *Soy una tonta por quererte*. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2022.

Recebido em: 12 de maio de 2023

Aceito em: 28 de Agosto de 2023